

## Aprendendo a resolver os conflitos

Duberney Rojas Seguro



Foto: Jim Loring Tearfund

O Club Deportivo usa o futebol para treinar os jovens para resolver conflitos.

Medellín, na Colômbia, é uma cidade que precisa desesperadamente de uma solução para os conflitos. Há duas décadas, ela sofre conflito armado entre gangues criminosas, guerrilheiros socialistas e grupos paramilitares. Os assassinatos são comuns. O conflito causou impacto direto nas vidas de uma geração de crianças e jovens, que nasceram e foram criados neste clima de violência. Muitos dos grupos armados são formados por jovens de ambos os sexos, entre 14 e 25 anos de idade.

O Club Deportivo trabalha com jovens presos na violência. Observamos as habilidades e as capacidades que as comunidades locais desenvolvem a fim de sobreviver e resolver os conflitos neste clima de longa violência. Assumimos a tarefa de identificar estes pontos fortes e trabalhar a partir deles. Isto foi feito através de uma combinação de jogos, pesquisa e treinamento em resolução de conflitos.

### Usando o futebol para treinar negociadores da paz

O futebol é muito popular entre os jovens. Ele cria um clima de tensão semelhante ao do conflito armado. Organizamos uma competição de futebol chamada "Copa dos Negociadores da Paz", com as seguintes características especiais:

**NOTA AOS LEITORES** A *Passo a Passo* é lida na África, Europa e América do Sul. A língua portuguesa muda de um continente para o outro. Alguns artigos podem estar escritos em um estilo diferente do português que você fala. Esperamos que isto não venha a mudar a sua apreciação pela *Passo a Passo*.

NB Escrevemos "AIDS/SIDA", porque alguns de nossos leitores conhecem a doença como "AIDS", enquanto outros a chamam de "SIDA".

**Times mistos** Os times tinham de ser formados por jogadores masculinos e femininos. No mínimo cinco jogadoras femininas tinham de estar presentes para que cada jogo começasse. As meninas queriam muito participar, porque viam a experiência como uma oportunidade para aperfeiçoarem as suas habilidades esportivas. No início, os meninos estavam relutantes em jogar com elas, mas, à medida que a competição seguia adiante, eles notaram que elas eram boas competidoras e começaram a aceitá-las como iguais. Notamos que as meninas respeitavam mais as regras e pressionavam os meninos para que eles as seguissem!

**Sem juiz** Os próprios jogadores (de ambos os sexos) tinham de resolver quaisquer situações de conflito que surgissem no jogo.

### Leia nesta edição

- 4 Editorial
- 4 Vendo a esperança e aproximando as pessoas
- 6 Perdão e reconciliação
- 7 Cartas
- 8 Muros de separação
- 9 Construindo muros
- 10 Construção da paz e transformação de conflitos
- 12 A cura através de ser ouvido
- 14 Relações matrimoniais
- 14 Escolhendo o perdão
- 15 Recursos
- 16 Malanda – oração, ação e reconciliação

A *Passo a Passo* é uma publicação trimestral que procura aproximar pessoas em todo o mundo envolvidas na área de saúde e desenvolvimento. A Tearfund, responsável pela publicação da *Passo a Passo*, espera que esta revista estimule novas idéias e traga entusiasmo a estas pessoas. A revista é uma maneira de encorajar os cristãos de todas as nações em seu trabalho conjunto na busca da melhoria das nossas comunidades.

A *Passo a Passo* é gratuita para aqueles que promovem saúde e desenvolvimento. É publicada em inglês, francês, português e espanhol. Donativos são bem-vindos.

Os leitores são convidados a contribuir com suas opiniões, artigos, cartas e fotografias.

**Editora:** Isabel Carter  
PO Box 200, Bridgnorth, Shropshire,  
WV16 4WQ, Reino Unido

Tel: +44 1746 768750

Fax: +44 1746 764594

E-mail: [footsteps@tearfund.org](mailto:footsteps@tearfund.org)

Site: <http://tilz.tearfund.org/Portugues>

**Subeditoras:** Rachel Blackman, Maggie Sandilands

**Editora – Línguas estrangeiras:** Sheila Melot

**Administradoras:** Judy Mondon, Sarah Carter

**Comitê Editorial:** Ann Ashworth, Simon Batchelor, Paul Dean, Richard Franceys, Mark Greenwood, Martin Jennings, Ted Lankester, Simon Larkin, Donald Mavunduse, Sandra Michie, Mary Morgan, Nigel Poole, Naomi Sosa

**Design:** Wingfinger Graphics, Leeds

**Impresso** por Aldridge Print Group usando-se recursos sustentáveis ou renováveis e processos que não prejudicam o meio ambiente.

**Tradução:** L Bustamante, S Dale-Pimentil, E Frias, H Gambôa, L Gray, N Herbert, M Machado, F Mandavela, N Ngueffo, G van der Stoel, E Trewinnard, L Weiss

**RELAÇÃO DE ENDEREÇOS: Escreva, dando uma breve informação sobre o trabalho que você faz e informando o idioma preferido para:**

**Footsteps Mailing List, PO Box 200, Bridgnorth, Shropshire, WV16 4WQ, Reino Unido.**

E-mail: [footsteps@tearfund.org](mailto:footsteps@tearfund.org)

**Mudança de endereço:** Ao informar uma mudança de endereço, favor fornecer o número de referência mencionado na etiqueta.

**Direitos autorais** © Tearfund 2006. Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução do texto da *Passo a Passo* para fins de treinamento, desde que os materiais sejam distribuídos gratuitamente e que a Tearfund Reino Unido seja mencionada como sua fonte. Para qualquer outra utilização, por favor, entre em contato com [footsteps@tearfund.org](mailto:footsteps@tearfund.org) para obter permissão por escrito.

**As opiniões e os pontos de vista** expressos nas cartas e artigos não refletem necessariamente o ponto de vista da Editora ou da Tearfund. As informações técnicas fornecidas na *Passo a Passo* são verificadas minuciosamente, mas não podemos aceitar responsabilidade no caso de ocorrerem problemas.

A **Tearfund** é uma organização cristã evangélica que se dedica ao trabalho de desenvolvimento e assistência através de grupos associados, a fim de levar ajuda e esperança às comunidades em dificuldades no mundo.

Tearfund, 100 Church Road, Teddington, Middlesex, TW11 8QE, Reino Unido.  
Tel: +44 20 8977 9144

**Publicado** pela Tearfund, uma companhia limitada, registrada na Inglaterra sob o No.994339  
Organização sem fins lucrativos sob o No.265464.



Foto Club Deportivo

As crianças e os jovens mostraram que são capazes de lidar com os conflitos.

**Sem regras estabelecidas** Os jogadores tinham de sugerir e entrar em acordo quanto às regras para cada jogo.

**Observador** Nomeamos um observador para cada jogo para registrar o que acontecia em campo. Esta pessoa não interferia com as negociações para resolver os conflitos. Entretanto, se houvesse violência, o observador tinha o poder de expulsar qualquer jogador que tivesse recorrido a ela.



Foto Jim Loring Tearfund

Por causa destas adaptações, durante o jogo, cada jogador enfrentava repetidamente situações de conflito em que tinha de usar suas habilidades para negociar e chegar à reconciliação. O campeonato era realizado mensalmente, e o desejo de ganhá-lo motivava as pessoas a participarem.

## Resolvendo o conflito

As crianças e os jovens que participaram na competição haviam crescido em meio à violência. Entretanto, durante os jogos, eles mostraram ter a capacidade de lidar com os conflitos usando métodos alternativos pacíficos, embora, ocasionalmente, eles recorressem à violência. Alguns dos métodos que eles usaram foram:

**Protesto** Mesmo em momentos intensos dos jogos, os jogadores conseguiam fazer com que o time adversário reconhecesse seus erros, parando o jogo em protesto pacífico. Eles faziam isto:

- segurando a bola, para que o jogo parasse
- ficando completamente quietos e imóveis (como se estivessem paralisados).

**Mediação** Os jogadores praticaram habilidades de mediação:

- chamando as pessoas que estavam jogando incorretamente e fazendo-as

escolher entre jogar com honestidade ou sair do jogo

- trabalhando em conjunto com jogadores de outros times para garantir que o jogo fosse limpo ou para fortalecer a participação das meninas
- intervindo para prevenir a agressão física quando alguns dos jogadores se tornavam violentos.

**Reconciliação** Quando surgiam situações confusas, os times conversavam, sem recorrer à violência, até chegarem a um acordo. A reconciliação era possível porque:

- eles haviam entrado em acordo quanto às regras no início do jogo e procuravam fazer com que elas fossem mantidas através de discussão e outros meios não violentos
- eles pediam a opinião de outras pessoas para ajudar a resolver os conflitos complexos, tais como gols controversos.

Às vezes, ambos os times não se davam conta de uma falta. Podia parecer que ela afetava apenas um jogador. Porém, pudemos mostrar a eles como este poderia se tornar um conflito difícil. Ele não devia ser ignorado; devia ser resolvido imediatamente.

Foi interessante observar as crianças e os jovens colocando suas capacidades e habilidades em prática durante os conflitos que surgiam em cada jogo. Isto

nos mostrou o potencial das pessoas para lidar com o conflito. Muitas vezes, as comunidades locais podem ser vistas simplesmente como vítimas indefesas da violência. Porém, as pessoas que vivem em conflitos armados prolongados, como os habitantes de Medellín, aprendem a sobreviver, a tirar o melhor da situação e até mesmo como fazer algo de positivo no conflito. Houve muito derramamento de sangue, mas o conflito também pode oferecer uma oportunidade para se aprender. Em Medellín, aprendemos que a comunidade local não está desamparada e tem o potencial para mudar as coisas para melhor.

Neste projeto, também observamos como as jovens são capazes de fazer com que os seus direitos sejam respeitados quando estão entre homens. Quando os meninos não lhes passavam a bola, as meninas se juntavam e se recusavam a participar do jogo. Elas também freqüentemente tomavam a iniciativa para resolver os conflitos. Em alguns casos, as meninas eram as capitãs dos times.

O projeto causou um impacto na sociedade mais ampla, pois os participantes aplicaram o que aprenderam em campo nas suas comunidades.

Notamos que há mais respeito pelas mulheres. A evidência disso é que as mulheres, agora, estão usando instalações

públicas tais como estádios de futebol. As pessoas também estão recorrendo menos à violência como forma de resolver os conflitos.

Este projeto ofereceu um ambiente para o desenvolvimento de habilidades para a resolução de conflitos. Um projeto como este poderia ser realizado em qualquer lugar do mundo em que haja um conflito armado urbano prolongado e onde sejam praticados esportes em equipe (não precisa ser futebol). O esporte precisa consistir numa batalha para se conseguir algo difícil de se alcançar, em que as equipes competem para ser a campeã. O projeto pode, então, combinar o esporte com a pesquisa e o treinamento em resolução de conflitos.

*Duberney Rojas é o Gerente de Projetos do Club Deportivo.*

*Club Deportivo  
AA 5238  
Medellín  
Colômbia*

*E-mail: clubdeportivo@epm.net.co  
Site: www.cusportsclub.org*

## Glossário de palavras usadas nesta edição

### **conflito**

discórdia ou discussão séria ou mesmo uma luta armada, causada quando duas ou mais pessoas ou grupos têm, ou acham que têm, pontos de vista ou metas diferentes

### **guerrilheiro**

pessoa numa força armada independente

### **mediador**

pessoa ou organização que facilita as conversações e a reconciliação entre pessoas ou grupos em conflito

### **negociar**

tentar chegar a um acordo sobre algo através de conversa

### **psicológico**

relativo à mente ou às emoções

### **reconciliação**

restauração das relações

### **restauração**

reconstruir algo que foi danificado

### **trauma**

ferida física ou emocional que deixa danos duradouros

## ESTUDO DE CASO Direitos iguais



Durante um dos jogos, uma das meninas ouviu, por acaso, os meninos planejando evitar de passar a bola para as meninas. Ao ouvir isto, ela reuniu as colegas e elas combinaram de não jogar como forma de protesto. Quando as meninas informaram os meninos sobre sua decisão, eles acabaram tendo de implorar a elas para que jogassem, caso contrário perderiam o jogo, pois as regras do campeonato diziam que deveria haver pelo menos cinco jogadoras do sexo feminino em campo. As meninas usaram esta oportunidade para negociar e exigir que os meninos lhes passassem a bola e que uma das meninas poderia ser a capitã. Os meninos concordaram com estas condições, e o jogo seguiu adiante. A partir de então, as meninas viram como as regras do jogo poderiam ser usadas como instrumento eficaz para criar uma igualdade maior entre os sexos, e os meninos entenderam que tinham de respeitar os direitos das mulheres.

As meninas queriam muito participar.



## Editorial

Quando olhamos para o nosso mundo, podemos ver a grande necessidade de perdão e reconciliação. Conflito não significa apenas guerra e violência. Todos nós enfrentamos regularmente um certo grau de conflito nas nossas relações no trabalho ou em casa.

Às vezes, o conflito pode ser algo positivo, como quando lutamos contra a injustiça e nos manifestamos pelos nossos direitos e os dos outros. Entretanto, geralmente o conflito é destrutivo. Muito dinheiro e tempo são gastos com os resultados do conflito, como, por exemplo, a reconstrução de moradias e da infra-estrutura e o tratamento médico para ferimentos físicos. Contudo, as pessoas raramente lidam com as feridas psicológicas e as causas fundamentais do conflito.

Em Mateus 6:14, é óbvio que Deus pede que perdoemos os outros, assim como nos perdoou. Achei esta edição muito desafiadora, pois penso nas situações da minha vida em que preciso de perdoar alguém ou pedir perdão.

O perdão não é uma reação natural quando alguém nos magoa. Esta é a escolha que precisamos de fazer, se quisermos nos livrar da amargura, seguir adiante e romper o ciclo de violência e culpa.

O perdão é essencial para a reconciliação, mas a reconciliação ultrapassa as palavras, transformando-se em acção, para restaurar as relações que se romperam. Este é um processo que exige a participação e o compromisso de ambos os lados.

Nesta edição, examinamos aspectos diferentes do perdão e idéias práticas de como nos podemos apoiar mutuamente e realizar o processo de reconciliação.

A próxima edição será sobre a saúde sexual.

Maggie Sandilands,  
Sub-editora

# Vendo a esperança e aproximando as pessoas

Bal Kumari Rai Gurung

O perdão não é tão fácil de praticar quanto é de pregar, mas é um passo essencial para a reconciliação e a vida em harmonia. O perdão consiste em deixar sair as mágoas e os ressentimentos que guardamos dentro de nós. O perdão é difícil. Ele exige energia e tempo. Contudo, é possível alcançá-lo, se as pessoas realmente se esforçarem de coração e alma.

A United Mission to Nepal (UMN) é uma organização de desenvolvimento cristã internacional que trabalha no Nepal. Trabalhamos em parceria com organizações nepalesas em várias áreas de desenvolvimento, inclusive na área da paz e da transformação de conflitos. Uma das actividades da UMN nesta região é ajudar grupos, famílias e indivíduos a alcançarem o perdão e a reconciliação durante épocas de conflito.

Num distrito remoto onde a UMN trabalha, uma discórdia começou na única igreja existente no distrito inteiro. O pastor tinha tomado a decisão de mudar a denominação desta pequena igreja sem consultar os idosos da igreja. Alguns dos idosos ressentiram-se com isto. Eles começaram a discutir entre si, e alguns pararam de frequentar a igreja. A UMN começou a trabalhar com vários membros da igreja para chegar a uma reconciliação. Agora, depois de um ano (essas coisas levam tempo!), os membros estão encontrando-se novamente. Eles também registraram a igreja como organização com base na comunidade a fim de trabalharem juntos para ajudar a comunidade. As coisas que nos ajudaram a facilitar o processo de reconciliação foram: confiança, amizade, ouvir os outros, compreensão, comunicação e persistência.

## Confiança

Embora fôssemos pessoas de fora, ambos os lados confiavam em nós, talvez porque não estivéssemos pessoalmente envolvidos na discórdia. É importante que os mediadores sejam independentes, não censurem e tenham a confiança de todas as pessoas envolvidas. Esta confiança incentivou as pessoas a serem abertas conosco ao contarem-nos o que pensavam. Elas contaram-nos como se haviam magoado e como se sentiam em relação aos outros. Elas acreditavam que queríamos ajudá-las a resolver os problemas. A confiança é a base sobre a

qual as relações saudáveis podem crescer. Para que haja confiança é necessário:

- que as pessoas se conheçam bem
- que haja tempo e paciência: leva tempo para se criar confiança
- que se tenha uma fé comum. Sempre que fazíamos uma visita, íamos aos cultos da igreja, contávamos as histórias das nossas vidas e passávamos algum tempo juntos com os cristãos locais.

## Um amigo que ouve

Uma das coisas mais importantes que fizemos foi simplesmente estarmos presentes quando éramos necessários e ouvir sem censurar ou favorecer nenhum dos lados. Ouvir é o melhor ponto de partida quando se desempenha o papel de mediador.

Como comunidade minoritária, os membros da igreja estavam acostumados a trabalhar directamente uns com os outros, compartilhando suas experiências entre si. Eles frequentemente se encontravam para planejar o trabalho em conjunto ou para conversas informais e estudos bíblicos, o que proporcionava uma oportunidade para compartilharem as suas tristezas, alegrias e orações e tomar um chá juntos. Isto acabou assim que a tensão começou. Assim, eles se sentiam aliviados ao nos contarem as suas histórias quando os visitávamos. Ficamos a saber de ambos os lados que eles sentiam falta de ter um amigo íntimo que os ouvisse de maneira compreensiva.

## Ajudando as pessoas a entenderem o conflito

Um outro factor essencial para o processo de reconciliação foi ajudar cada pessoa a ver os factos e a realidade do problema. Usamos ferramentas e técnicas diferentes para ajudá-las a entender o conflito e passar a aceitarem-se umas às outras.

**A Bíblia** Como este era um grupo unido pela fé, as ferramentas mais poderosas foram os estudos bíblicos e as orações. Nossos estudos bíblicos concentraram-se no amor, no perdão e na reconciliação de Deus. Fizemos as orações e os estudos separadamente com os diferentes grupos e oramos constantemente para que Deus nos mostrasse o caminho para a confissão, o arrependimento e a reunião, que é o que Deus quer para o seu povo. Também usamos um dos livros ROOTS da Tearfund, *Construindo a paz nas nossas comunidades*, como referência para os nossos estudos bíblicos.

**Análise** Usamos o treinamento e a discussão para ajudar cada pessoa a entender o que significa conflito, os tipos e os estágios do conflito e como as pessoas respondem a ele. Analisar o conflito foi interessante e útil. Examinamos:

- o problema fundamental
- como ele começou
- quais foram as causas e os efeitos
- como encontrar uma solução.

Nós os ajudamos a analisar os factores que podem aproximar as pessoas e também os que causam tensão e as dividem. Durante um encontro com as pessoas-chaves envolvidas no conflito, discutimos e, juntos, identificamos as questões que fomentavam o conflito. Depois, nós as incentivamos a pensarem criativamente em todas as maneiras possíveis de minimizar os efeitos. Isto aumentou a confiança de que era possível chegar à reconciliação. Uma outra ferramenta é a auto-análise. Esta ajudou as pessoas a entenderem suas próprias culpas e o papel que haviam desempenhado no conflito, o que levou ao arrependimento e ao caminho para o perdão.

## Comunicação

Depois de entender o problema e analisar o conflito, conversamos com cada lado sobre qual seria a melhor solução ao seu ver. Quando esta decisão foi tomada, ela foi informada claramente ao outro grupo. Em nosso papel de mediação,

enfaticamente a partilha de perspectivas e opiniões positivas com cada lado. Isto criou um senso de boa vontade. Depois, facilitamos um encontro com ambos os lados, para que eles pudessem ter um novo início com esperanças renovadas.

## Cuidado contínuo

Ao se lidar com as mágoas e os sentimentos das pessoas, o cuidado e o apoio contínuo são vitais. Mostramos o nosso cuidado e apoio através das nossas orações, ouvindo com atenção, mostrando preocupação e interesse pela resolução do problema, visitando as pessoas com frequência e conversando com elas.

A Bíblia diz que o perdão e a reconciliação são possíveis. Para trazer paz a uma comunidade, as pessoas devem manter uma boa relação com Deus, com os outros, com a criação e também consigo mesmas.

*Bal Kumari Gurung trabalha na UMN como Assessora de Defesa e Promoção de Direitos para a Transformação de Conflitos.*

*United Mission to Nepal  
PO Box 126  
Kathmandu  
Nepal*

*E-mail: bal.k.gurung@umn.org.np  
Site: www.umn.org.np*



Em qualquer comunidade de pessoas, inclusive nas igrejas, há potencial para conflito.

# Perdão e reconciliação

Sarah Mirembe

Uma pessoa que foi ofendida ou profundamente magoada geralmente sente que tem o direito de estar zangada, magoada ou amargurada. Ela pode até planejar a vingança. Ao contrário, Deus pede que confiemos a nossa dor a Ele, confiemos Nele para que haja justiça e perdoemos aqueles que nos magoam (Romanos 12:17-20).

## Perdão

O perdão é uma questão muito desafiadora, porque parece significar que o agressor escapa impune. Ele pode ter agido de propósito e talvez não esteja arrependido. Ele pode fazer o mesmo novamente sem ser punido. Parece não haver nenhuma motivação para que uma pessoa ofendida tome este rumo. Entretanto, embora o perdão não seja fácil, ele é necessário para o bem da pessoa ferida. As pessoas que foram magoadas e não perdoam continuam a sofrer pressão e feridas emocionais por estarem a segurar a raiva e a amargura.

Muitas vezes, o perdão é mal compreendido. Ele consiste na decisão de soltarmos a nossa mágoa e o nosso ressentimento. Ele não significa que:

- desculpamos ou aprovamos a ofensa
- a ofensa foi esquecida e não importa
- a ofensa não tenha consequências
- a pessoa ofendida ou a sua mágoa não importe.

## Reconciliação

A reconciliação é um processo que ultrapassa o perdão. Ela é alcançada quando as pessoas que estavam em conflito chegam a uma relação positiva entre si. A reconciliação geralmente exige um mediador ou conselheiro experiente em quem as pessoas confiem e que possa falar com todos os envolvidos no conflito. Este conselheiro deve ser sábio, emocionalmente maduro, forte, objectivo e nunca passar para um dos lados. Ele ou ela deve ser respeitado na comunidade e permanecer comprometido independentemente de quanto dure o processo.

O mediador não pode resolver o conflito sozinho. Todas as pessoas envolvidas devem decidir que a reconciliação é a melhor opção para cada uma delas, que é melhor do que continuar o conflito. Todos precisam estar comprometidos com o processo e em facilitar ao máximo para que as pessoas se sentem à mesma mesa e vivam na mesma comunidade. Os possíveis conflitos futuros

## ESTUDO DE CASO

Em Uganda, muitas crianças, jovens e adultos foram raptados e forçados a entrarem para o Exército da Resistência do Senhor. Mesmo que consigam fugir e retornar à sua comunidade, eles enfrentam o desafio de longo prazo do perdão e da reconciliação. Esta foi a forma como uma jovem mulher descreveu a sua jornada para conseguir perdoar o homem que a raptou.

*“Eu odiei-te por causa da dor que me causaste. Porém, eu era constantemente lembrada de ti onde quer que fosse. Assim, estava presa, porque te odiava e, no entanto, tinha que viver com as tuas memórias. O conselheiro ajudou-me a perceber que eu odiava estar presa a ti. Essa foi a primeira motivação para que te perdoasse. Odiar-te deixava-me doente. Eu queria desesperadamente ficar bem, então concordei com o conselheiro para que ele me ajudasse a deitar fora o ódio.”*

devem ser discutidos e resolvidos. O comprometimento com a reconciliação deve ser demonstrado através da acção apropriada. Por exemplo, em Uganda, ela consistiu em concordar que os filhos dos ex-rebeldes fossem aceites nas escolas.

Quando uma ofensa é cometida, o agressor deve arrepender-se e estar pronto a admiti-lo. Se ele não se quiser comunicar ou colocar-se na defensiva é porque não está pronto para a reconciliação. Às vezes, as pessoas procuram indemnização financeira. Entretanto, esta raramente é uma resposta a longo prazo. Ela pode satisfazer algumas das necessidades físicas da pessoa ofendida, mas não resolve a situação. As ideias de vingança podem sempre voltar à tona.

A reconciliação não é apenas um evento. Ela deve tornar-se num valor e num estilo de vida. Ela deve passar de geração para geração, através da Bíblia, da discussão, da disciplina e do exemplo. O perdão e a reconciliação fazem parte de uma jornada que poucas pessoas fazem, mas cujo destino é a liberdade, a saúde e a paz.

*Sarah Mirembe é uma consultora e conselheira que trabalha com crianças e jovens em Uganda. Seu endereço é:*

*Box 2989  
Kampala  
Uganda*

*E-mail: jewelmirembe@yahoo.com*



Foto: Jim Loring Tearfund

O perdão e a reconciliação são necessários para assegurar a futura paz.

### Protegendo as colheitas contra os pássaros

Estamos a tentar proteger as nossas colheitas de arroz contra as pragas de pássaros. O arroz é a principal colheita aqui. Estamos a achar muito difícil controlar e evitar a ameaça dos pássaros. Os agricultores têm ficado nos campos o dia inteiro para espantá-los, o que os deixa cansados, sem poder fazer outras actividades domésticas.

Vocês poderiam dar algum conselho técnico para que os nossos agricultores possam cultivar o seu arroz, dormir em paz e também desenvolver técnicas mais eficazes de controle destes predadores sem matá-los? Se algum outro leitor tiver resolvido este problema, ficaríamos extremamente contentes se nos escrevesse.

Innocent Balagizi  
Box 373  
Cyangugu  
Ruanda

E-mail: [balkarh@yahoo.fr](mailto:balkarh@yahoo.fr)

### Ajuda com a epilepsia

Escrevo para agradecer aos leitores da *Passo a Passo* por terem respondido à nossa solicitação sobre como compreender e lidar com a epilepsia, publicada na *Passo a Passo 44*. Agradecemos especialmente ao Sr. Ebire, de Oweri, na Nigéria. Ele ajudou-nos a concentrarmos no desenvolvimento da capacidade dos pacientes para reconhecer os sinais de aproximação dos ataques e, assim, evitar os acidentes causados por eles.

Entretanto, esta nova abordagem, a qual consiste principalmente em treinamento, não é tão popular com os pacientes que ainda preferem auxílio através de medicamentos. Assim, gostaríamos de receber conselhos sobre como aumentar a procura por este tipo de treinamento, especialmente entre os jovens.

Jamils Richard Achunji Anguaseh  
Diretor  
Global Welfare Association-Cam  
E-mail: [glowa\\_cameroon@yahoo.co.uk](mailto:glowa_cameroon@yahoo.co.uk)

### > Ligando a alfabetização à sustentabilidade ambiental

A comunidade de São Geraldo fica na região semi-árida do Rio Grande do Norte, no Brasil. A parceira da Tearfund, Diaconia, decidiu criar um viveiro de plantas no local. Eles plantaram árvores frutíferas para gerar recursos e substituir as muitas árvores que haviam sido cortadas para servir de lenha. Ozenilda Moraes Farias, uma professora de alfabetização de uma escola local, sugeriu que seus alunos (entre cinco e oito anos de idade) se envolvessem. Ela esperava que eles pudessem aprender sobre a importância da sustentabilidade ambiental de maneira prática.

Agora, Ozenilda usa a curiosidade das crianças como ponto de partida para a aprendizagem. Elas comparam o que está escrito nos livros de ecologia que estão aprendendo a ler com o que vêem acontecer no viveiro de plantas. Ela diz, "Acreditamos no potencial destas crianças como agentes de multiplicação. A compreensão que elas estão adquirindo pode ser aplicada tanto no presente quanto no futuro, garantindo uma melhoria na qualidade de vida da comunidade. Este é um trabalho educativo que beneficia todas as famílias locais através da venda de mudas, da geração de recursos e tornando possível que os jovens permaneçam no campo."

Para obter mais informações, por favor, entre em contato com: Verlândia de Medeiros (engenheira florestal e conselheira técnica da Diaconia)

Assessoria de Comunicação da Diaconia, Rua Marquês Amorim 599, Boa Vista, Recife-PE, CEP 50070-330  
E-mail: [diaconia@diaconia.org.br](mailto:diaconia@diaconia.org.br) Site: [www.diaconia.org.br](http://www.diaconia.org.br)

### Corantes de plantas

Li com muito interesse a sua página sobre corantes caseiros (*Passo a Passo 21*) e achei que vocês talvez quisessem saber sobre os eucaliptos. Estas plantas contêm corantes que colorem materiais como a seda e a lã sem que seja necessário acrescentar produtos químicos para fixá-los. Cada vez mais, os eucaliptos estão a ser usados como uma cultura para a produção de madeira e para restaurar terras degradadas e, assim, estão a tornar-se mais abundantes.

Os líquenes, por outro lado, geralmente crescem muito lentamente e exigem um trabalho cuidadoso e experiente para produzirem o seu potencial como corante. Na minha opinião, o seu uso como fonte de corante não é sustentável e, portanto, não deve ser normalmente recomendado.

India Flint  
PO Box 209  
Mount Pleasant  
5235  
Austrália  
E-mail: [India.Flint@unisa.edu.au](mailto:India.Flint@unisa.edu.au)  
Site: [www.leafprint.tk](http://www.leafprint.tk)

### Criação de cupins

Gostaria de responder à solicitação de informações sobre a criação de cupins na *Passo a Passo 66*. Eu recomendaria que não se usassem cupins, porque eles são altamente destrutivos.

Não há nenhum nutriente nos cupins que não possa ser obtido em outros tipos de ração disponíveis para aves.

Quando se usam cupins para alimentar as aves, alguns deles escapam para o solo. Eles destroem qualquer coisa feita de madeira que houver no local, e eliminá-los é difícil e caro.

Seria melhor procurar outras rações alternativas para aves, pois usar cupins não é muito eficaz em termos de custo.

Oluwafemi Ogundipe  
Ibadan  
Nigéria  
E-mail: [ogundipeok@yahoo.com](mailto:ogundipeok@yahoo.com)

### Ovos de peru

Os meus perus geralmente põem ovos em Março, o auge do calor aqui, quando a temperatura chega a 42 graus ou mais. Geralmente, todos os ovos estragam. Por favor, eu gostaria de receber conselhos.

Samuel Angyogdem  
E-mail: [sangyogdem@yahoo.co.uk](mailto:sangyogdem@yahoo.co.uk)

# Muros de separação

Malcolm P Chisholm

As distâncias físicas entre as pessoas e as culturas agora podem ser cruzadas por aviões, telefones celulares (telemóveis) e pela cobertura das notícias na televisão 24 horas por dia. Porém, muitas comunidades ao redor do mundo ainda estão divididas. O conflito pode ser aberto ou invisível. Agora, há muros físicos ou emocionais separando pessoas que costumavam viver juntas em paz. As pessoas frequentemente falam de paz e reconciliação, mas poucas realmente se dão ao trabalho custoso de derrubar estes muros de separação.

Os muros são construídos por muitas razões diferentes, tais como servir de suporte para prédios, definir limites legais, proteger pessoas ou propriedades, evitar que os animais vagueiem e para que cuidar deles seja mais fácil.

Em muitas partes do mundo, os muros também são construídos dentro das comunidades e entre elas. Alguns são **muros físicos**, tais como os longos “muros da paz” em certas partes de Belfast, na Irlanda do Norte. Há anos, tem havido conflito violento nesta área. Estes muros representam o medo e a desconfiança genuína existentes entre as comunidades adversárias que vivem lado a lado. Alguns destes muros têm vários quilômetros de comprimento. Ao longo dos anos, com o decorrer do conflito, eles foram construídos cada vez mais altos e mais fortes. Mesmo depois dos acordos de paz oficiais, os muros continuaram a crescer.

Estes “muros da paz” são uma lembrança de que, mesmo que os governos digam que a paz chegou, a vida das pessoas comuns não é uma vida de harmonia pacífica. Por todo o mundo, muitas comunidades são deixadas para trás, vivendo com dificuldade em prévias zonas de conflito étnico, enquanto que o mundo passa para a próxima iniciativa de paz.

Os muros que atravessam comunidades causam longos desvios em percursos anteriormente simples. Infelizmente, com o tempo, as pessoas acostutam-se, e eles se tornam normais. Outras pessoas, que não se envolveram directamente ou não estavam presentes na época da necessidade inicial dos muros, aceitam estes muros e os desvios necessários. Contudo, no fundo, elas sabem que algo não está certo.

**Muros invisíveis** também podem ser construídos no coração das pessoas, tais como entre marido e mulher, entre antigos amigos ou entre “eles” e “nós”. Eles podem simbolizar uma relação que, agora, se baseia na desconfiança, ao invés de estar construída com base na confiança. Cada acção ou falta de acção



Os muros entre as pessoas em conflito não são apenas físicos.

mal interpretada acrescenta mais um tijolo ao muro. Estas divisões também podem ser encontradas dentro da igreja cristã, a qual deveria estar a trabalhar para alcançar a união e a paz num mundo dividido e em dor. Oramos e pedimos para que os políticos locais se unam para pôr em ordem a situação política. Contudo, muitos cristãos não estão preparados para reconhecer ou lidar com os muros que causam tantas divisões dentro da igreja. Muitas vezes, os muros que edificamos não afectam apenas as nossas vidas, mas as dos outros também.

Da mesma maneira que as pessoas têm de dar a volta ao redor de um muro físico, muitas pessoas também evitam encontrar-se com as pessoas com quem estão em conflito. Uma grande quantidade de energia, tempo e dinheiro é usada para manter estes muros, mas os motivos fundamentais da sua existência não são resolvidos.

Infelizmente, os muros não caem sozinhos. As pessoas têm de querer que eles caiam. Os medos e as atitudes fundamentais devem ser enfrentados e resolvidos, e este processo exige tempo, coragem e acordo mútuo.

O *exercício em grupo* na página ao lado pode ser usado para mostrar como os muros são construídos entre as pessoas.

Reconhecer um muro é uma coisa. Tomar as medidas custosas para começar a demoli-lo não é fácil, mas as recompensas sobrepõem-se ao custo. Render o nosso orgulho, perdoar as pessoas e lidar com o conflito não é uma tarefa fácil. Mesmo que achemos que não estamos errados, talvez precisemos ser os primeiros a dar o primeiro passo para a reconciliação.

Serão necessárias várias idas e vindas sobre os entulhos do muro. A reconciliação é uma parte integral do trabalho de Deus e não apenas uma opção para os cristãos. Jesus demoliu o muro que nos separava de Deus. Com a sua graça e com a ajuda do Espírito Santo, também podemos ajudar criativamente os outros a se reconciliarem.

*Malcolm P Chisholm é um consultor independente que trabalha, há 20 anos, no campo da reconciliação e da construção da paz.*

13 Dundela Gardens  
Belfast, Country Antrim  
BT4 3DH  
Irlanda do Norte  
Reino Unido

E-mail: malval1@ntlworld.com



# Construindo muros

Esta atividade em grupo pode ser usada dentro do contexto dos encontros de treinamento sobre a construção da paz ou como parte de um trabalho contínuo de reconciliação dentro de uma comunidade em conflito. Este exercício mostra, de forma eficaz, como os muros são construídos entre grupos de pessoas, revela questões de conflito que precisam ser resolvidas e apresenta idéias de reconciliação. É necessário um facilitador experiente, pois é importante discutir e trabalhar as questões que possam ser levantadas durante o exercício. Para obter mais informações sobre facilitação, veja a *Passo a Passo 60*.

## 1 Preparativos

Para esta atividade, você vai precisar de:

**Um local** De preferência, dentro de casa ou um local ao ar livre com laterais claramente demarcadas.

**Grupos** Divida os participantes em dois grupos. Escolha os grupos ao acaso (por exemplo, numerando os participantes alternadamente: 1, 2, 1, 2, 1, 2, etc), de maneira que cada grupo seja formado por uma mescla de pessoas de ambos os lados do conflito real. Os dois grupos vão para lados diferentes da sala.

**Equipamento** Caixas velhas de papelão (podem-se usar também latas vazias, toras ou tijolos) pequenos pedaços de papel para colar nas caixas, canetas.

**Duração permitida** Permita entre 1½ – 2 horas, incluindo, pelo menos, ½ hora para os comentários.

## 2 Construção de muros para iniciantes

Uma pessoa começa escrevendo ou desenhando, num pequeno pedaço de papel, alguma coisa de que não gosta quanto ao “outro grupo” ou à “outra pessoa” na sua situação de conflito. Esta coisa pode ser uma atitude ou uma ação, algo que tenha vivido pessoalmente. O papel é, então, afixado sobre o lado de uma das caixas, a qual é colocada entre os dois grupos como o primeiro tijolo do muro. O papel deve ficar para o lado da parede de quem o escreveu, de maneira que o outro grupo não o veja. Alguém do outro grupo faz o mesmo no seu lado e acrescenta

a sua caixa ao muro. Nenhum dos grupos fica sabendo o que está escrito no papel do outro lado.

Em seguida, o muro de caixas começa a crescer, assim como o entusiasmo dos participantes! Continue aumentando o muro o máximo possível dentro dos limites da segurança. É importante que cada participante coloque no muro, pelo menos, uma ou duas caixas suas. Quando o muro estiver construído, peça aos participantes para gritarem alguns dos seus sentimentos



Foto Malcolm Chisholm

coletivos sobre o “outro lado”. Depois de algum tempo, pergunte-lhes o que querem fazer com o muro. O que se espera é que eles o queiram derrubar. Se for este o caso, deixe-os fazê-lo cuidadosamente. Geralmente, isto é bem rápido!

## 3 Reflexão

Depois que o muro tiver sido derrubado e todo o entulho tiver sido removido, é importante fazer uma reflexão.

Peça-lhes que façam comentários sobre o que a equipe escreveu nos seus pedaços de papel (para fazer isto de forma anônima, as pessoas não precisam dizer o que estava escrito no seu pedaço de papel em particular). O facilitador faz um resumo num pedaço grande de papel.

Depois, peça aos participantes que façam comentários sobre como se sentiram sobre si próprios, ao colocarem as caixas no muro e como se sentiram sobre o outro grupo, à medida que o muro ficava cada vez mais alto e eles se isolavam dos outros.



Foto Malcolm Chisholm

Durante esta atividade, o facilitador precisa ter muito cuidado para notar quaisquer sinais de emoções dolorosas ou linguagens do corpo que revelem mágoas expostas e para lidar com quaisquer situações delicadas que possam surgir. É importante dar às pessoas a chance de expressar o que sentem e pensam e não apenas reprimí-lo. Entretanto, também é importante que as tensões

não passem dos limites, descontrolando-se e tornando-se destrutivas.

Uma idéia é ter uma caixa de sugestões, onde as pessoas possam colocar questões que gostariam que fossem levantadas, mas sobre as quais, talvez, achem emocionalmente doloroso demais falar. Estas questões podem ser examinadas de maneira construtiva mais tarde, no encontro de treinamento.

No final dos comentários, o facilitador pode selecionar áreas comuns para futuras discussões ou reflexão e ação pessoais por parte dos participantes. Eles devem discutir como levar o que aprenderam com o exercício para a sua situação mais ampla e para a comunidade.

# Construção da paz e transformação de conflitos

Gary Swart



Foto Mike Webb Tearfund

Para prevenir a futura violência, o trabalho PaCT precisa resolver as causas do conflito e não apenas os efeitos.

A paz verdadeira não é apenas parar com a violência. A paz de que a Bíblia fala é o *shalom*. O *shalom* é a restauração e a reconciliação das nossas relações com Deus, com as pessoas à nossa volta e com toda a criação. Ele consiste em trazer as pessoas de volta para o estado de harmonia, bem-estar e conexão com a criação em que Deus as colocou. Trabalhar pela paz e reconciliação é um ministério para o qual todos os cristãos são chamados e não apenas os profissionais. Jesus chama-nos a todos para que sejamos pacificadores e para que nos amemos uns aos outros, inclusive os nossos inimigos (Mateus 5).

A região dos Balcãs, na Europa, passou por muitas gerações de conflito étnico. A violência, nos anos 90, foi interrompida pela intervenção da comunidade internacional, mas ainda falta muito para se chegar ao *shalom*. Ainda há muita divisão, desconfiança e ódio na região. A Tearfund e os seus parceiros reconhecem que, para

que o ciclo de violência finalmente chegue ao fim, as causas fundamentais do conflito precisam ser resolvidas. A Tearfund começou a trabalhar com os seus parceiros na região a fim de incluir a Construção da Paz e a Transformação de Conflitos (PaCT – Peacebuilding and Conflict Transformation) em todo o seu trabalho. Isto consiste nas organizações tornarem-se mais sensíveis aos ambientes de conflito em que trabalham. Elas procuram causar um impacto

construtivo de longo prazo que previne possíveis conflitos no futuro.

## Características do trabalho PaCT

Algumas das lições aprendidas, durante este tempo, quanto a tornar de praxe o trabalho PaCT foram:

**Ele é um estilo de vida** Ser pacificador não é apenas uma descrição de cargo. Não é algo que Jesus nos chama para *fazermos* apenas, mas para *sermos* (Mateus 5:9). Temos de dar o exemplo da reconciliação nas nossas próprias vidas e organizações antes de tentarmos ajudar os outros a chegarem à reconciliação. Para uma organização, isto significa que ser reconciliadora e pacificadora deve estar no centro da sua missão e dos seus valores. Uma organização parceira da Tearfund que trabalhava numa área etnicamente mista, a qual havia sofrido conflito previamente, decidiu contratar uma equipe etnicamente mista. Eles perceberam que, para serem agentes de transformação eficazes, tinham de dar o exemplo desta transformação eles próprios.

**Ele transforma** O trabalho de reconciliação lida com os principais valores e atitudes que nos motivam como seres humanos. O trabalho PaCT lida com uma mudança interna, que tem resultados externos. Ele consiste em curar e restaurar as relações e, assim, leva tempo. Se uma organização quiser tomar o caminho do trabalho de reconciliação e pacificação, ela deverá estar comprometida e preparada para uma longa e, muitas vezes, difícil jornada.

**Ele é complicado** É importante reservar algum tempo para compreender o contexto local específico, a fim de desenvolver estratégias eficazes que promovam o *shalom*. Isto raramente é simples.

## > Uma “Estrutura de Boa Prática” para o trabalho PaCT

- Dê o exemplo da construção da paz e da reconciliação. Este não é apenas um projeto – é um estilo de vida.
- Desenvolva e mantenha parcerias eficazes para a paz. Uma organização não pode trazer a paz para a sua região sozinha. Geralmente, é necessária a combinação dos esforços de várias organizações e partes interessadas. Todas as pessoas envolvidas precisam estar comprometidas com a paz.
- Comprometa-se a longo prazo em termos de tempo e recursos. Nas fases de elaboração e implementação, reconheça que o trabalho PaCT é de longo prazo e difícil de monitorar.
- Esteja certo quanto a sua compreensão do trabalho PaCT e a sua motivação para realizá-lo. Comunique-as claramente e inclua-as na visão e nos valores da organização.
- Não se esqueça da importância das pessoas. A reconciliação consiste em restaurar as relações entre as pessoas. Trate todas elas com o mesmo respeito e dignidade. Não permita nenhuma forma de discriminação.
- Considere a sensibilidade ao conflito em todos os níveis dentro da organização.

- Ao serem realizados eventos de treinamento para as várias organizações e grupos comunitários, foram convidados diferentes grupos étnicos para o treinamento em conjunto. Num caso, a Tearfund organizou um treinamento em defesa e promoção dos direitos para albaneses, croatas e sérvios, em Belgrado. Foi a primeira vez, desde a guerra, que os albaneses interagiam com os sérvios, e, para eles, esta foi uma experiência profundamente saudável.
- Um parceiro da Tearfund organizou um projeto de reconstrução de moradias para refugiados e pessoas internamente deslocadas. O projeto contou com apoio na forma de aconselhamento, oferecido por conselheiros cristãos. Este apoio foi colocado à disposição não apenas dos beneficiários, mas também dos funcionários que trabalhavam com os refugiados, pois estes, muitas vezes, traumatizavam-se ao ouvirem as histórias dos beneficiários.

Geralmente, há uma variedade de motivos e condições complicadas que resultam em conflito. Cada conflito é único.

É importante compreender as causas fundamentais do conflito na região. Esta compreensão pode ser usada para planejar a defesa e a promoção eficazes de direitos, a fim de resolver estes problemas fundamentais, o que pode prevenir futuros conflitos. É importante ouvir todas as partes envolvidas. Ouvir é uma parte importante do contexto, mas também é algo que pode ser usado como uma forma eficaz de se iniciar a reconciliação. Aprender a compreender um conflito do ponto de vista da outra pessoa é uma forma poderosa de rompermos as barreiras entre nós.

**Ele é espiritual** O trabalho PaCT possui uma dimensão profundamente espiritual. A oração é vital para o seu sucesso (Efésios 6:10-19). As organizações cristãs que trabalham pela reconciliação devem ter certeza de que estão comprometidas com a oração e são apoiadas nela.

*Gary Swart trabalha para a Tearfund como Chefe de Região para a Região da África Austral.*

*Tearfund  
100 Church Road, Teddington  
Middlesex  
TW11 8QE  
Reino Unido*

*E-mail: gary.swart@tearfund.org*

## Estudo bíblico

### “Perdoar como o Senhor o perdoou”

Perdoar os outros não é uma opção para os cristãos: é um mandamento. Em Mateus 6:12, Jesus ensina-nos a orar, “Perdoa as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores”. Ele tornou claro que a oferta de perdão de Deus é inseparável da nossa vontade de perdoar os outros. Então, qual é a natureza deste vínculo?

#### Leia Mateus 18:21-35

Em primeiro lugar, perdoar os outros, quando eles nos fazem mal, faz parte da nossa gratidão a Deus por ter perdoado os nossos pecados através da morte de Jesus na cruz. O perdão de Deus baseia-se exclusivamente no seu amor e na sua graça incondicional. Nós não o merecemos. A palavra grega para pecado, em Mateus 6:12, significa literalmente “dívida”. Porque quebramos a lei de Deus, temos dívidas com Ele que jamais poderemos ressarcir. Se pedirmos a Deus que perdoe nossas dívidas enormes, enquanto recusamos perdoar as pequenas dívidas que as pessoas têm conosco, estaremos agindo, na melhor das hipóteses, de maneira inconsistente e, na pior das hipóteses, de maneira hipócrita.

#### Leia Colossenses 3:12-15

Em segundo lugar, perdoar as pessoas é uma demonstração poderosa de que as amamos. Como Deus é o Pai que nos ama, Ele quer perdoar os nossos pecados para restaurar as nossas relações com Ele. Assim como Deus quer que amemos o nosso próximo, da mesma maneira devemos perdô-lo.

- *Quem é o nosso próximo?*
- *Como esta passagem nos desafia nas nossas relações com as pessoas que nos magoaram?*

Finalmente, perdoar os outros pelo que nos fizeram é um teste infalível da nossa fé. A nossa fé faz uma diferença verdadeira na nossa vida? Perdoar os outros não é fácil. Não é natural – a nossa resposta natural é querer vingança. Porém, Jesus perdoou os seus inimigos que o crucificaram – antes de morrer ele orou: “Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que estão fazendo” (Lucas 23:34). Pode-se objetar, dizendo-se que Jesus era o Filho de Deus e nós não somos, que está além da nossa natureza humana pecadora amar os nossos inimigos como Jesus mandou. Entretanto, se o cristianismo consiste em ter uma relação pessoal com Deus, e se Deus é real e poderoso, então, certamente, ele capacitará as pessoas que nele confiam para que sintam o poder do seu amor e do seu perdão nas suas próprias vidas.

Sem perdão, não há paz genuína. Como todos nós fazemos mal e nos magoamos uns aos outros, precisamos pedir perdão tanto quanto perdoar. Dizer que sentimos muito e pedir o perdão das pessoas a quem causamos mal, às vezes, é mais difícil do que perdoar os que nos causaram mal. Porém, se, com a ajuda de Deus, decidirmos fazer do perdão a nossa forma de vida, isto nos levará à paz – paz conosco, com os outros e com Deus. Esta paz é uma benção grande e maravilhosa, da qual Deus quer que todos usufruamos.

- *Até que ponto Jesus é sem igual quando se trata de perdoar?*
- *Há alguém que você precise perdoar ou a quem precise pedir perdão?*
- *Quais são as implicações sociais da fé cristã no que diz respeito a trazer a reconciliação entre as diferentes pessoas?*

*O escritor, Dr. Chawkat Moucary, é professor do All Nations Christian College. Ele é o autor de The Search for Forgiveness: Pardon and Punishment in Islam and Christianity (IVP, 2004).*

*Site:  
www.allnations.ac.uk*

# A cura através de ser ouvido

Angus Murray

As nossas crenças sobre nós mesmos, as outras pessoas e o nosso mundo ajudam-nos a compreender as nossas experiências e o mundo à nossa volta. Construimos as nossas crenças através das nossas próprias experiências ou as herdamos da nossa família ou da nossa cultura. A menos que elas sejam desafiadas, muitas vezes, não estamos nem mesmos cientes delas. Elas simplesmente parecem ser “normais”, ou o jeito como as coisas são.

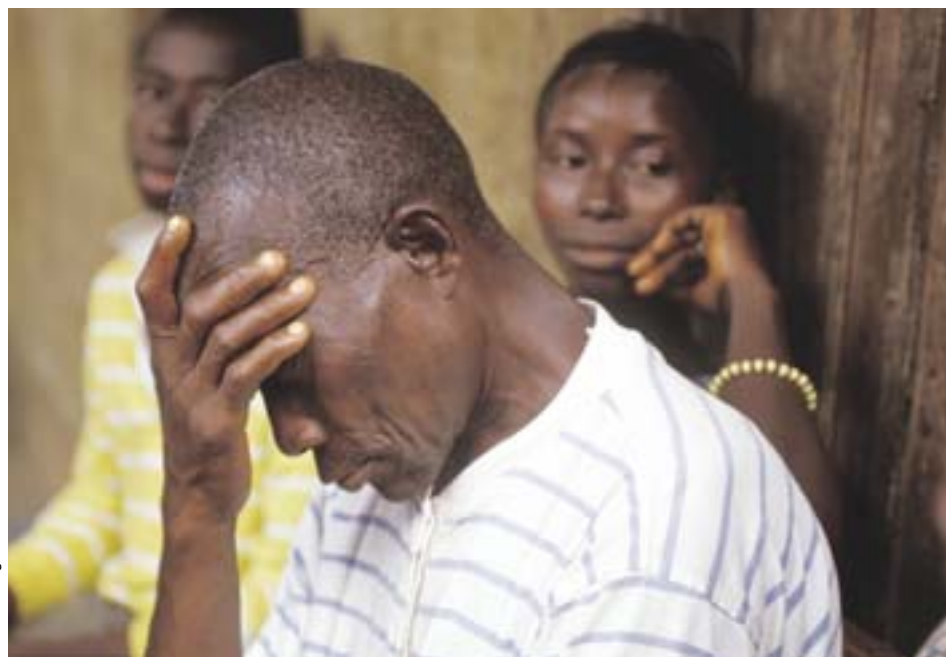


Foto: Jim Loring Tearfund

Após eventos traumáticos, as pessoas podem se sentir gratas por terem alguém que ouça sobre as suas experiências.

A violência muda as coisas. Podemos ficar extremamente perturbados quando passamos por algo que seja chocantemente diferente da maneira como normalmente nos vemos a nós próprios ou o mundo à nossa volta. Talvez a nossa vida tenha corrido perigo ou tenhamos sido vítimas da violência doutra pessoa, ou tenhamos feito algo que seja contra as nossas crenças, valores ou comportamento normais. Isto pode nos levar a perguntar— por que isso aconteceu, ou por que agimos dessa maneira? Podemos questionar a nossa fé ou a nossa compreensão de Deus. Os eventos penosos que abalam a maneira como nos vemos a nós mesmos e o nosso mundo são chamados de *traumáticos*.

Quando passamos por algo traumático, podemos nos sentir completamente fora de controle e ter dificuldade para compreender o caos. Os sentimentos de medo, desamparo ou horror são reacções

normais para uma situação anormal, e não um sinal de fraqueza. Precisamos reconhecer estes sentimentos. Falar sobre as nossas experiências pode nos ajudar a compreendê-las. A maioria das pessoas que passam por um evento traumático precisam do apoio e da compreensão dos que as rodeiam para ajudá-las a se recuperarem.

Uma boa maneira de apoiar alguém no processo de cura é ser um **ouvinte activo**. Muitas pessoas raramente têm a oportunidade de serem ouvidas desta forma, a qual pode ser uma ótima fonte de cura. Não é necessário ser um conselheiro profissional para ser um bom ouvinte. A seguir, estão algumas habilidades fundamentais para se ouvir de forma activa.

## Encontrar um lugar seguro

Primeiro, é importante ajudar a pessoa a relaxar e se sentir segura com você. Não se deve presumir que uma pessoa que passou

por um evento perturbador se sentirá segura, e você talvez tenha de conquistar a sua confiança. As pessoas precisam de saber que podem falar sobre questões delicadas em sigilo.

- Encontre um local confortável, onde vocês possam conversar sem interrupções como chamadas telefónicas ou visitas de pessoas.
- Entre em acordo quanto ao grau de sigilo no início, para que o que for dito não seja transmitido a mais ninguém, a não ser que seja uma situação em que a própria pessoa ou outros corram risco. Isto é particularmente importante quando se trabalha com crianças. Esclareça desde o início que você não pode prometer sigilo, se lhe contarem algo sobre abuso infantil. Para obter mais informações sobre a proteção infantil, acesse [www.keepingchildrensafesafe.org.uk](http://www.keepingchildrensafesafe.org.uk)
- A maioria das pessoas acham mais fácil falar abertamente com alguém do mesmo sexo.

## Ouvir

As pessoas só contam sobre as suas experiências quando se sentem prontas para isto. Isto pode levar tempo, e é importante que as pessoas nunca sejam forçadas a falar sobre questões perturbadoras. Como ouvintes activos, precisamos ser pacientes e respeitar as outras pessoas.

- Não faça perguntas demasiadas. Faça perguntas para ver se compreendeu tudo corretamente ao invés de pressionar a pessoa para obter mais informações.
- Ao ouvir, deixe a outra pessoa guiar o conteúdo da conversa e o ritmo do que deseja contar.
- Algumas pessoas podem achar difícil descrever o que aconteceu quando tentam contar sobre a sua experiência. Como ouvinte activo, é suficiente sentar-se com elas e compartilhar em silêncio.
- Pode ou não ser útil que você conte sobre a sua própria experiência. Não se apresse com a sua história ou as suas opiniões. Quem importa neste momento não é você.

## Compreensão

Como ouvinte activo, não assuma o papel de especialista, conselheiro, professor, libertador ou consertador. Ao invés, procure

## > Conheça os seus limites

Às vezes, as experiências que as pessoas nos contam podem ser muito chocantes ou perturbadoras de ouvir. É uma questão de sensatez, e não de fraqueza, reconhecer e admitir os nossos limites, inclusive os limites de tempo.

Assegure-se de que esteja emocionalmente forte e estável o suficiente para ouvir sobre a mágoa de outra pessoa. Você também precisa ter a sua própria rede de apoio de familiares e amigos.

É importante saber quando é necessária ajuda adicional e trabalhar com a pessoa para encontrá-la. Exceto em casos de abuso infantil, você deve sempre pedir permissão para contar a outros o que lhe foi contado.

tentar compreender a experiência e os sentimentos da outra pessoa. Porque todos nós temos a nossa própria maneira de pensar e sentir, cada pessoa sente o evento traumático de maneira diferente. Não podemos realmente compreender como é para a outra pessoa, a menos que possamos

primeiro pôr de lado os nossos próprios sentimentos e experiência. Precisamos de estar completamente atentos e dispostos a ouvir a experiência única desta pessoa.

Preste atenção na resposta emocional da pessoa assim como no relato da sua experiência. Pense sobre a pessoa inteira:

- Que sentimentos ela expressa?
- Linguagem corporal e facial – ela parece tranqüila, tensa, assustada, feliz, enojada?
- Voz – ela fala baixinho e de forma nervosa ou com confiança? Rápido ou devagar? Há momentos de silêncio?

Talvez você queira resumir em poucas palavras o que ouviu (os sentimentos assim como a história), só para verificar se compreendeu bem.

### Aceitação

A atitude importante final para a cura é a aceitação. Ao oferecer a aceitação incondicional a uma outra pessoa, mostramos que estamos dispostos a tentar compreender a sua experiência. Isto significa que estamos dispostos a aceitar todas as suas respostas emocionais, mesmo

quando elas são difíceis para nós, tais como confusão, ressentimento, medo, raiva ou desespero. Mesmo que não consigamos compreender ou que discordemos das atitudes ou do comportamento daquela pessoa, talvez possamos aceitá-la como um outro ser humano feito à imagem de Deus. A aceitação consiste em oferecermos a graça à outra pessoa, ao invés de a julgarmos, assim como Deus a oferece a nós. Isto pode ser especialmente difícil se esta pessoa tiver realizado actos de violência contra nós.

Esta maneira especial de ouvir pode ser difícil, mas é uma fonte de cura poderosa para as pessoas que passaram por um evento traumático.

*Angus Murray é conselheiro profissional e também trabalha para a Tearfund como Oficial de Políticas sobre Conflitos Regionais para o Sudão.*

*Tearfund  
100 Church Road  
Teddington  
Middlesex  
TW11 8QE  
Reino Unido*

## Om Kheun perdoa

Chrang Bak é um povoado construído às margens cobertas de lixo do rio Bassac, perto de Phnom Penh, no Camboja. Om Kheun é uma proprietária de loja local. Talvez ela seja melhor como vizinha do que como comerciante, porque, quando os vizinhos pobres vêm comprar a crédito, ela não consegue recusar. Pessoas de toda a vizinhança vêm a ela para pedir conselhos assim como para comprar artigos. Ela compreende os problemas deles, porque também é pobre.

Om Kheun tornou-se cristã mais tarde. Ela leu na Bíblia que Jesus nos disse para perdoarmos os que nos haviam ofendido. Com esta nova compreensão, ela examinou o seu coração e viu que havia algo de errado ali, alguma coisa estava prejudicando as suas relações no povoado. Ao longo dos anos, ela havia ampliado o crédito para outras famílias. As quantias haviam ficado tão grandes, que poucas das famílias mais pobres poderiam pagá-la algum dia. Isto criou um problema duplo. No fundo, ela percebia que estava zangada e frustrada com as pessoas que lhe deviam tanto. Ela poderia ter progredido tanto na vida se elas a tivessem pago! Por outro lado, ela percebeu que aquelas famílias pobres também estavam profundamente envergonhadas da sua dívida e, agora, a evitavam tanto quanto possível. Om Kheun não queria se sentir amarga ou ser evitada. Assim, inspirada pelo que ela havia lido na Bíblia, decidiu resolver o problema. Com a sua caderneta de registros na mão, ela foi de família em família e, ante os seus olhos, riscou as suas dívidas, declarando-as “perdoadas”. Com um movimento da caneta, eles foram liberados – assim como ela.

Embora a sua vida seja frequentemente uma batalha, Om Kheun tem uma sensação de liberdade. Ela encontrou algo melhor do que amargura e ódio. Ela encontrou uma fé que transformou o seu desespero em esperança através do poder do amor e do perdão.

*A autora, Kristin Jacks, é a Diretora da Servants to Asia's Urban Poor no Camboja.  
Site: [www.servantsasia.org](http://www.servantsasia.org)*



Foto Richard Hanson Tearfund

## Relações matrimoniais

Conflito não significa apenas guerra aberta. O conflito existe em todos os níveis das relações humanas. A Family Impact é uma organização cristã que procura transformar comunidades através do aconselhamento familiar e relacional.

João e Preciosa pareciam ser um casal cristão, com um casamento feliz, que havia vindo ao fim-de-semana “Desfrute o Seu Casamento” da Family Impact. Na verdade, Preciosa sentia-se altamente inferior tanto quanto mulher como esposa. Na primeira noite, ela ficou espantada com a passagem de Gênesis 1,

que diz que os homens e as mulheres são ambos criados à imagem de Deus e com o mesmo valor. Entretanto, ela achava difícil comunicar-se com o marido, assim, não disse nada a João.

No dia seguinte, os facilitadores pediram a João e Preciosa para fazerem uma dramatização sobre um casal que não estava se comunicando bem, porque não se escutavam um ao outro. Eles desempenharam os seus papéis maravilhosamente, e todos riam enquanto eles expunham as suas próprias idéias e simplesmente não se conectavam um com o outro.

Depois do fim-de-semana, um facilitador encontrou Preciosa na cidade. Ela estava

sorrindo e disse “O que você nos pediu para representar era o que éramos na vida real. Isto nos ajudou muito. Agora, aprendemos a comunicarmos-nos muito melhor. Consegui explicar ao João como me sentia uma esposa de segunda classe. Ele assegurou-me que me respeita e me ama como igual. Sou uma nova pessoa!”

*O autor, David Cunningham, é o Diretor da Family Impact na África.*

*Family Impact  
45 Heyman Road  
Suburbs  
Bulawayo  
Zimbábue*

*Site: [www.familyimpact.org.za](http://www.familyimpact.org.za)*

## Escolhendo o perdão

Lesley Bilinda é uma agente de saúde comunitária, que passou vários anos trabalhando para a Tearfund em Ruanda. Ela estava visitando o Quênia quando o genocídio de 1994 começou, mas o seu marido ruandês, Charles, um professor de inglês de escola secundária, foi um dos mortos durante a violência.

Dez anos mais tarde, Lesley voltou a Ruanda para tentar descobrir a verdade sobre o que havia acontecido ao seu marido. Ela sentia a “culpa do sobrevivente”, desejando que tivesse podido estar com os seus amigos e a sua família na época dos problemas. Ela também enfrentava uma batalha interna constante entre a raiva do que tinha acontecido e o desafio de Deus de perdoar. “Pensei muito e por muito tempo sobre perdoar os responsáveis pelo seu assassinato. Seria possível perdoar alguém sem saber quem esta pessoa é? Mas eu sentia que tinha de tentar perdoar, nem que fosse por mim mesma. No fundo, eu tinha muita raiva e amargura por causa do que tinha acontecido e sabia que, com o tempo, se não fizesse nada, isto me destruiria. Da maneira como eu vejo as coisas, o perdão pessoal não significa que a pessoa não receba a punição justa pelos seus crimes. A justiça ainda tem de ser mantida e vista em prática. Mas, no âmbito individual, o perdão permite que ambas as partes sigam em frente.”

No fim, ela não descobriu com certeza como o marido havia morrido. Porém, ela descobriu uma das pessoas responsáveis pela morte da sua amiga íntima, Anatolie. Ele admitiu as suas acções, e Lesley perdoou-o. Não é uma decisão fácil, como diz Lesley “Às vezes, não tenho vontade de perdoar, mas esta foi uma escolha que fiz – e continuo a fazer. Isto não significa que eu tenha esquecido. Como seria fácil cultivar a amargura, mas decidi não fazer isto. Decidi perdoar – mais uma vez e mais uma vez. Enquanto for necessário e enquanto Deus me der a coragem para fazê-lo.”

*A história de Lesley Bilinda é contada no seu livro, With What Remains (Hodder and Stoughton, 2006)*

Lesley enfrenta o desafio do perdão

**OBSERVAÇÃO** Foi solicitado o sigilo da identidade



### website tilz

As publicações internacionais da Tearfund podem ser baixadas (descarregadas) gratuitamente no nosso site <http://tilz.tearfund.org/Portugues>  
Pesquise qualquer tópico para ajudá-lo no seu trabalho.

### Construindo a paz dentro das nossas comunidades

Este livro ROOTS examina ferramentas para o trabalho de construção da paz e transformação de conflitos. Ele traz estudos de casos de trabalho de paz e reconciliação em comunidades e pode ser obtido em inglês, francês, espanhol e português. Para encomendá-lo, por favor, entre em contato com:

PO Box 200  
Bridgnorth, Shropshire  
WV16 4WQ  
Reino Unido

E-mail: [roots@tearfund.org](mailto:roots@tearfund.org)  
Site: <http://tilz.tearfund.org/Portugues>



### Help for self-help groups

A Kindernothilfe é uma organização que ajuda a facilitar grupos comunitários de auto-ajuda. Ela criou um site útil, que cobre assuntos como empoderamento social e político, técnicas participativas, tecnologia apropriada e microempresas.

Site: [www.self-help-approach.com](http://www.self-help-approach.com)

Para obter mais informações, entre em contato com o Chefe do Departamento Africano:

Dr Karl Pfahler  
Kindernothilfe  
Düsseldorfer Landstraße 180  
D-47249 Duisburg  
Alemanha

E-mail: [Karl.Pfahler@knh.de](mailto:Karl.Pfahler@knh.de)

### Insights into Participatory Video: A handbook for the field

Nick e Chris Lunch

Este manual e CD Rom oferecem aos trabalhadores de campo um guia prático para usar o vídeo participativo. Esta abordagem, em que os próprios habitantes locais fazem vídeos, é uma ferramenta para a comunicação e o empoderamento, que pode ajudar pessoas comuns e marginalizadas a alcançarem a autoconfiança e o direito a serem ouvidas. Estes vídeos podem ser usados no trabalho com os responsáveis pelas políticas e decisões, para a pesquisa, o monitoramento e a avaliação da ação

participativa e liderada pela comunidade, como uma maneira de as comunidades apresentarem propostas de desenvolvimento e como ferramenta na resolução de conflitos.

O guia cobre as técnicas práticas básicas do vídeo participativo, jogos e atividades fundamentais, orientação para facilitadores, dicas técnicas e equipamento necessário.

Ele pode ser baixado (descarregado) gratuitamente no formato pdf em:  
[www.insightshare.org/training\\_book.html](http://www.insightshare.org/training_book.html)

Os exemplares impressos do manual custam £15 (libras esterlinas), incluindo a remessa postal. Para encomendar, entre em contato com:

Insight UK Office  
3 Maidcroft Road, Oxford  
OX4 3EN  
Reino Unido

E-mail: [nlunch@insightshare.org](mailto:nlunch@insightshare.org)

### Keeping Children Safe: A toolkit for child protection

Este é um pacote abrangente de materiais para pessoas que trabalham com a proteção infantil por todo o mundo. Este kit de ferramentas visa auxiliar agências, em âmbito internacional, nacional e local, a colocarem estes padrões em prática. Ele traz um livro de padrões básicos para a Proteção Infantil, exercícios e materiais de treinamento e um DVD e CD Rom para ajudar com o treinamento e a implementação dos padrões.

O kit de ferramentas custa £75 (libras esterlinas), mas as ONGs, ONGIs e agências sem fins lucrativos podem obter um exemplar gratuito. Para encomendar, por favor, envie um e-mail para:

[publications@keepingchildrensafe.org.uk](mailto:publications@keepingchildrensafe.org.uk)

O kit de ferramentas Keeping Children Safe e outras informações podem ser baixados (descarregados) no formato eletrônico no site da "Keeping Children Safe":

[www.keepingchildrensafe.org.uk](http://www.keepingchildrensafe.org.uk)

### CD of International Illustrations: The art of reading v2.0

Este CD Rom contém mais de 11.000 desenhos a traço em preto e branco (em formato TIFF para Windows® e Apple® Macintosh®), adequados para serem usados numa grande variedade de materiais de alfabetização, tais como boletins, cartilhas

e cartazes. As imagens são coletadas de artistas de todo o mundo. Não há necessidade de instalação. Simplesmente insira o CD Rom e use os arquivos. Pode-se, também, pesquisar as imagens por palavra-chave.

Este CD Rom pode ser obtido através de:

SIL International Academic Bookstore  
7500 West Camp Wisdom Road  
Dallas  
TX 75236  
EUA

E-mail: [Literacy\\_Secretary\\_Intl@sil.org](mailto:Literacy_Secretary_Intl@sil.org)  
Site: [www.sil.org/literacy](http://www.sil.org/literacy)

### CD Rom da Agromisa

A Agromisa lançou um novo CD Rom com todos os doze livros Agrodok relativos à produção animal, inclusive a criação de porcos, cabras, aves, gado leiteiro, patos e coelhos, assim como livros sobre viveiros de peixes, apicultura e como usar jumentos para o transporte e o trabalho agrícola. O CD Rom contém os doze livros em inglês, francês e português e custa €11,90 (euros) (com exemplares gratuitos para os membros da CTA).

Para mais informações, por favor, envie um e-mail para: [cta@cta.nl](mailto:cta@cta.nl)

### SITES ÚTEIS

#### [www.forgiver.net](http://www.forgiver.net)

Cursos on-line e materiais de treinamento sobre o tema do perdão e da reconciliação.

#### [www.international-alert.org](http://www.international-alert.org)

Este site traz relatórios sobre trabalhos de resolução de conflitos e construção da paz por todo o mundo e materiais para baixar (descarregar) para treinadores, facilitadores e outras pessoas interessadas em transformar os conflitos violentos.

A International Alert publica um pacote de recursos que oferece diretrizes e ferramentas para organizações humanitárias e de desenvolvimento que trabalham em situações de conflito. Ele foi criado para ajudá-las a colocar a sensibilidade ao conflito no centro da sua análise do conflito, da sua elaboração de programas e do seu processo de monitoramento. Para encomendar exemplares impressos do pacote de recursos, por favor, envie um e-mail para:

[communications@international-alert.org](mailto:communications@international-alert.org)

Para baixar (descarregar) cópias do pacote de recursos ou obter mais informações, por favor acesse o site

[www.conflictsensitivity.org](http://www.conflictsensitivity.org)

# Malanda

## Oração, acção, reconciliação

Sadiki Byombuka

A guerra está presente na República Democrática do Congo desde 1996. Este conflito tem muitas causas diferentes, inclusive a disputa pelo poder político, a luta pelo controle dos recursos naturais, a má governação e as diferenças étnicas e tribais.

Os habitantes do povoado de Malanda, onde nasci, pertencem a duas tribos diferentes: a tribo Babembe e a tribo que fala Kinyarwanda. Estas duas tribos tinham uma longa vida pacífica juntas, apesar dos seus costumes diferentes. Porém, em 2002, por causa da guerra, Malanda quase se transformou numa cidade-fantasma: 70% dos habitantes fugiram e muitas casas foram queimadas. Hoje, Malanda é um lugar vibrante novamente. O povoado e a sua igreja local agora são considerados um exemplo do perdão e da reconciliação para toda a região. O que aconteceu?

No início de 2003, a igreja CELPA Pentecostal organizou um retiro para os pastores locais. O tema do retiro foi o perdão e a reconciliação. Dois pastores de Malanda participaram do retiro, um da tribo que fala Kinyarwanda, que havia permanecido no povoado, e o outro, da área florestal onde os outros habitantes de Malanda haviam se refugiado. Os dois pastores comprometeram-se a trabalhar pelo perdão e pela conciliação entre as pessoas de Malanda.

A tarefa não foi fácil, pois os habitantes de Malanda haviam se tornado inimigos e evitavam se encontrar. Um grupo estava a viver na floresta, e o outro, no povoado, estando separados por um rio grande. A comunicação era difícil. Foram enviados



Na República Democrática do Congo, as comunidades divididas pela guerra precisam ser reconstruídas.

Foto: Marcus Perkins Tearfund

convites por carta para um encontro, que os dois pastores deixavam pendurados numa vara na ponte que atravessava o rio. Os dois pastores encontravam-se na ponte, mas ninguém mais aparecia.

### Um passo de cada vez

Depois de alguns dias, cada pastor começou a trazer algumas pessoas, principalmente membros da igreja, para encontrar o outro grupo na ponte. Porém, cada grupo ficava de um lado do rio falando alto com o outro grupo. Eles estavam relutantes em aproximar-se uns dos outros por medo de serem atacados. Finalmente, algumas pessoas de ambos os lados, que haviam sido membros do grupo de oração da igreja e costumavam orar e jejuar juntas antes do conflito, concordaram em encontrar-se e orar juntas por três dias de um lado da ponte. Os dois pastores juntaram-se a elas. As pessoas que se encontraram perdoaram-se mutuamente e oraram pelo perdão e pela reconciliação entre os habitantes do povoado. A primeira decisão tomada foi convencer o enfermeiro do povoado e o director da escola, que estavam com o grupo na floresta, a retornarem para o povoado para trabalhar sob a protecção da igreja. As pessoas que haviam ficado no povoado precisavam dos seus serviços profissionais na farmácia e na escola.

Por duas semanas, eles viajaram todos os dias entre os dois locais para trabalhar no povoado. Então, o enfermeiro, o professor e as famílias de dois membros do grupo de oração decidiram estabelecer-se novamente no povoado. Houve uma troca de mensagens de um lado para outro da ponte, pedindo e oferecendo perdão. O movimento de pessoas, presentes, bens e outros serviços intensificou-se de um lado para outro do rio. A reconciliação estava a acontecer. Muitas pessoas voltaram para o povoado para reconstruir as suas casas. Finalmente, a igreja CELPA decidiu organizar um dia de oração e celebração no povoado para marcar a reconciliação total. O evento era aberto para todos os habitantes do povoado, independentemente da sua tribo ou religião. As pessoas oraram, cantaram, dançaram e choraram. No final, os chefes locais e os líderes das igrejas locais fizeram uma declaração pública de que todos os habitantes de Malanda agora se uniriam para se oporem a qualquer tentativa de divisão dentro ou fora do povoado.

Sadiki Byombuka

Conselheiro (Facilitador) Regional da Tearfund para a República Democrática do Congo e a República Centro Africana (Sediado em Bukavu/República Democrática do Congo)

E-mail: [sadiki.byombuka@tearfund.org](mailto:sadiki.byombuka@tearfund.org)